Revista Macambira
ISSN:2594-4754
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO
https://doi.org/10.35642/rm.v5i1.561.

Economia popular e solidária e indústria têxtil: um estudo com base na Rede Justa Trama

Edianny Santos dos Santos[1], José Raimundo Oliveira[2], Jucicarla Cerqueira dos Santos[3], Núbia dos Santos Almeida[4]

[1]Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduanda em Ciências Econômicas. Bolsista no Programa de Educação Tutorial. https://orcid.org/0000-0002-8686-1930.

[2]Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Departamento de Ciências Sociais (DCIS) Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLANTERR) - Mestrado. https://orcid.org/0000-0002-3646-307X.

[3]Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduanda em Ciências Econômicas. Consultora de Projetos na empresa ADECON Consulte Jr- UEFS. https://orcid.org/0000-0002-5035-9420.

[4]Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduanda em Ciências Econômicas. Bolsista no Programa de Educação Tutorial. https://orcid.org/0000-0001-5680-6175.

*Autor correspondente:
edianny.ssantos@gmail.com

Resumo:
Discorrendo sobre a disseminação da Economia Popular e Solidária em diversos âmbitos econômicos, sociais entre outras dimensões, sabe-se que seus princípios e práticas são guiados pela produção responsável, pela reciprocidade, justiça social, solidariedade e cooperação. Este trabalho visa associar, através de uma análise com base em um estudo teórico de referências da área, os princípios supramencionados a um modelo de iniciativa de produção organizada numa rede de colaboração solidária: a Rede Justa Trama, cadeia produtiva de algodão agroecológico que se inicia no plantio do algodão, passando pela transformação da produção até a comercialização dos produtos derivados. Com efeito, o objetivo deste trabalho é analisar como se dá a relação da Economia Popular e Solidária, enquanto outra economia, com essa cadeia produtiva de algodão com um breve destaque para a referida indústria têxtil. Nos resultados obtidos, constatou-se que os elementos e/ou características da Economia Popular e Solidária estão imbricados de forma direta nas ações dos empreendimentos solidários que se beneficiam de uma organização baseada em princípios éticos que respeitam questões sociais, produção e consumo consciente exercitado pela Rede Justa Trama.

Palavras-chave: Indústria Têxtil, Rede Justa Trama, Cooperação.

REVISTA MACAMBIRA
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *campus* Serrinha. Estrada Vicinal de Aparecida, s/n, Bairro Aparecida, Serrinha (Ba), CEP: 48700-000, sala 01, prédio acadêmico.

Revista Macambira
ISSN:2594-4754

Macambira Journal
Laboratory of Public Policies, Ruralities and Territorial Development (LaPPRuDes)
ARTICLE
https://doi.org/10.35642/rm.v5i1.561.

Popular and solidarity economy and textile industry: a study based on the *Rede Justa Trama*

Edianny Santos dos Santos[1], José Raimundo Oliveira[2], Jucicarla Cerqueira dos Santos[3], Núbia dos Santos Almeida[4]

[1]Feira de Santana State University (UEFS). Graduated in Economics. Scholarship in the Tutorial Education Program. https://orcid.org/0000-0002-8686-1930.

[2] Feira de Santana State University (UEFS). Department of Social Sciences (DCIS) Applied. Graduate Program in Territorial Planning (PLANTERR) - Master' s. https://orcid.org/0000-0002-3646-307X.

[3] Feira de Santana State University (UEFS). Graduated in Economics. Project Consultant at ADECON Consulte Jr- UEFS. https://orcid.org/0000-0002-5035-9420.

[4] Feira de Santana State University (UEFS). Graduated in Economics. Scholarship in the Tutorial Education Program. https://orcid.org/0000-0001-5680-6175.

Abstract:
Discussing the dissemination of popular and solidarity economy in different economic and social spheres, among other aspects, it is known that its principles and practices are guided by responsible farming, reciprocity, social justice, solidarity and cooperation. This work aims to associate, through an analysis based on a theoretical study of references in the area (magazines, websites, articles), the principles mentioned above with a production initiative model organized in a solidary collaboration network: *Rede Justa Trama*; a production chain of agroecological cotton, which begins with cotton planting, through the transformation of production to the commercialization of derived products. This way, the objective of this work is to analyze how the relationship between the Popular and Solidary Economy takes place, as another economy, with this textile Industry. In the results obtained, we were able to verify that the elements and / or characteristics of the popular and solidary economy are directly involved in the actions of the solidarity enterprises that benefit from an organization based on ethical principles that respect social issues, production and conscious consumption exercised by *Rede Justa Trama*.

Keywords: Textile industry, *Rede Justa Trama*, Cooperation.

*Corresponding author:
edianny.ssantos@gmail.com

MACAMBIRA JOURNAL
Federal Institute of Education, Science and Technology Baiano, c*ampus* Serrinha. Estrada Vicinal de Aparecida, s/n, Bairro Aparecida, Serrinha, Bahia, Brasil, CEP: 48700-000, sala 01, prédio acadêmico.

Introdução

A Economia solidária surgiu na Inglaterra a partir dos movimentos envolvendo parte da população socialmente marginalizada como forma de resistir ao crescimento acelerado do capitalismo industrial no século XIX. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o movimento pela Economia Popular e Solidária emergiu no Brasil no final do século XX, como estímulo a uma organização autogestionária do trabalho e da produção, entretanto, ressalta-se que, atualmente, é um país referência internacional nesse âmbito.

O modelo socioeconômico da Economia Solidária tem ganhado cada vez mais espaço em detrimento dos modelos econômicos de produção tradicional da sociedade atual por trazer uma estrutura cooperativista, justa, eficiente e humana de desenvolver suas atividades nas mais variadas dimensões da vida, seja educativa, política, ambiental, social, cultural, econômica entre outras. Envolvida em diversos segmentos econômicos de produção, é considerada uma alternativa de inclusão social, bem como de geração de trabalho e renda.

Uma tipologia organizativa econômica solidária acaba se tornando um estilo de vida por tratar-se de uma escolha pela ausência de patrões, pela autogestão ou por envolver-se com princípios e questões como desenvolvimento sustentável, ambientalismo e objetivos do milênio. Além disso, a noção de economia solidária aponta para elementos contrários à super expropriação da força de trabalho ao desempenhar atividades sem divisões hierárquicas, se mostrando claramente oposta à forma capitalista de viver. Ainda assim, pode existir, estruturalmente, a exploração da força de trabalho, o fomento ao individualismo e a manutenção do modo de produção capitalista como prioridade na articulação total da produção sistêmica.

Com efeito, o enxugamento do mercado de trabalho e o desemprego estrutural por conta das tecnologias faz com que o modelo de Economia Solidária veja a informalidade produzida como uma alternativa para aqueles que se encontram marginalizados pelo desemprego, jovens sem experiência e aqueles que já se encontram em idade avançada para o mercado. Em geral, é através dessa economia que surge a oportunidade de empreender e de se inserir no mercado. Isso não necessariamente muda a realidade de manutenção do modo de produção ou da subsunção do trabalhador informal ao capital.

Consideramos, entretanto, que a informalidade de que estamos tratando tem sido também e principalmente uma alternativa para o trabalhador desempregado, e que o discurso do empreendedorismo marca a retórica ideológica do ultra neoliberalismo da última década, que tenta se aproveitar desse ambiente para individualizar e culpabilizar o trabalhador pela vulnerabilidade e instabilidade sofrida. A Economia Popular e Solidária, por outro lado, tem se mostrado como estratégia de ganhar a vida e ao mesmo tempo organizar-se na perspectiva de uma outra economia, conforme aponta Lima (2016).

A Economia Solidária demarca a concepção de informalidade na perspectiva do trabalho coletivo

e emancipatório de maneira individual e comunitária. Paradoxalmente, essa forma de *outra economia* conforme discute Lima (2016) tornou-se um marco socioeconômico em vários pontos ou aspectos tais como na cooperação e autogestão, influenciando de forma direta em diversas áreas, em especial, nas áreas industriais. A indústria têxtil encontra-se inserida também nesse tipo de economia, assim como nas mais variadas indústrias de outros segmentos que necessitam de uma gama de processos e planejamentos nessa perspectiva, sejam eles gerenciais, produtivos ou sociais.

A indústria têxtil, por exigir processos produtivos complexos nas etapas que a compõem, tem sido bastante agressiva no que diz respeito à degradação do meio ambiente, inclusive, sendo a economia popular e solidária uma possibilidade de válvula de escape, uma alternativa para uma produção mais consciente. Essa preocupação com um modelo mais consciente de produção deve ser considerado, já que representa grande parte da economia brasileira, tendo em vista os dados da ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e da Confecção), sobre o comércio têxtil Brasileiro. Os dados apontam que o setor é responsável por 16,7% dos empregos do país e é o quarto maior produtor de denim (tecido que dá origem ao jeans, neste produto o Brasil só fica atrás da China) e malha do mundo (ABIT, 2019). Portanto, pode ser que "os meios justificam os fins" e não seja possível produzir tanto sem considerar que a economia convencional é predatória e não consegue explicar tanta destruição desse setor no mundo e outra economia seja, enfim, uma possibilidade, como, aliás, a Justa Trama tem mostrado.

A Rede Justa Trama, produtora de algodão agroecológico e afins, apresenta um trabalho cooperativista, autogestionário e responsável com o âmbito social e ambiental. O trabalho da cooperativa está claramente identificado com a Economia Popular e Solidária desde a sua organização à forma como são comercializados seus produtos, pois esse processo econômico consubstancia-se em uma economia que se articula em rede de forma autogestionária, engendrando-se em um processo organizativo de trabalho que a torna uma economia política dos setores populares (LIMA e RIOS, 2019).

A Rede traz consigo o ideal de valorização e visibilidade de um comércio justo, que dá notoriedade às técnicas, saberes, experiências e conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável de milhares de famílias que trabalham na agricultura e que não são valorizadas pelo modelo de gestão capitalista. Trata-se de uma iniciativa de êxito na incorporação da cadeia de valor do algodão desde o trabalho primário que envolve plantação e colheita, decorrido dos métodos de fiação, confecção e comercialização até chegar no consumidor final. Nesse contexto, uma questão está posta: existe de fato uma relação entre os preceitos da Economia Popular e Solidária e as práticas da Rede Justa trama? Responder a essa indagação não é tarefa das mais fáceis, entretanto, ao longo do semestre 2019.2 nos debruçamos sobre leituras, debates e reflexões objetivando responder a ela, bem como outros afins. O objetivo deste trabalho é analisar como se dá a relação da Economia Popular e Solidária enquanto *outra economia*, com a Indústria têxtil por via da Rede Justa Trama.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir da observação da rotina de trabalho dos grupos autogestionários acompanhados em processo de incubação pelo projeto Incubadora de Iniciativas de Economia Popular e Solidária da Universidade Estadual de Feira de Santana (IEPS-UEFS). O método de pesquisa-ação do IEPS-UEFS delineia este trabalho e faz extrapolar a análise para o caso da Rede Justa Trama que foi estudado/discutido com os empreendimentos incubados. A experiência resultou nesta proposta de discussão em torno do delineamento relacional da noção de Economia Popular e Solidária a partir das questões levantadas por Lima (2016).

As discussões teóricas bem como a análise dos dados e informações foram feitas com base na metodologia da pesquisa-ação conforme definida por Thiollent (2011). As etapas visam observar o que se pode considerar elementos ou características de uma outra economia imprimidos na indústria têxtil. A Rede Justa Trama se aproxima de forma bem delineada da cadeia produtiva do algodão agroecológico, ou como tem sido definido, como "cadeia solidária do algodão agroecológico" (METELLO, 2007), pois possibilita uma abordagem desde a dimensão produtiva do algodão, numa perspectiva agroecológica, até as relações de trabalho no processo de produção e as estratégias de comercialização.

Este artigo compõe-se da introdução, metodologia, resultados e discussão e considerações finais. A seção Resultados e Discussão conterá os dois eixos temáticos: i) Trajetória da Economia Popular e Solidária; e ii) Características da Indústria têxtil encampadas pela Rede Justa Trama. Assim, propomo-nos a refletir sobre as concepções de Economia Popular e Solidária que se apresentam por meio de questões sociais e ambientais e que excluem as diretrizes do mercado de produção têxtil industrial formal, aquele que tem como características do processo de produção formas de produzir que são nocivas ao meio ambiente (já que grande parte das indústrias não se preocupam com as formas de obtenção ou origem da matéria prima utilizada em seus processos produtivos) e as relações de trabalho centradas no modelo da superexploração capitalista.

Resultados e discussão

As raízes históricas da Economia Solidária estão fincadas na criação das cooperativas que foram criadas durante a Revolução Industrial, na Europa, como forma de convocar o trabalhador a fazer frente à exploração nas relações de trabalho, ou mesmo desviar os trabalhadores da atuação excludente do

liberalismo econômico, sistema que apresenta efeitos sociais nocivos aos menos abastados. A criação de cooperativas por parte dos operários foi uma reação a esse sistema cada vez mais seletivo e repressor. Para Marx (1984), o primeiro rompimento na forma de produção capitalista está justamente na criação das cooperativas por parte dos trabalhadores:

> As fábricas cooperativas dos próprios trabalhadores são, dentro da antiga forma, a primeira ruptura da forma antiga, embora naturalmente, em sua organização real, por toda parte reproduzam e tenham de reproduzir todos os defeitos do sistema existente. Mas a antítese entre capital e trabalho dentro das mesmas está abolida , ainda que inicialmente apenas na forma em que os trabalhadores, como associação, sejam seus próprios capitalistas, isto é, apliquem os meios de produção para valorizar seu próprio trabalho. Elas demonstram como, em certo nível de desenvolvimento das forças produtivas materiais e de suas correspondentes formas sociais de produção, se desenvolve e forma naturalmente um modo de produção, um novo modo de produção [a partir do modo de produção antigo]. Sem o sistema fabril oriundo do modo de produção capitalista, não poderia desenvolver-se a fábrica cooperativa e tampouco o poderia sem o sistema de crédito oriundo desse mesmo modo de produção. Esse sistema de crédito, que constitui a base principal para a transformação paulatina das empresas capitalistas privadas em sociedades capitalistas por ações, proporciona também os meios para a expansão paulatina das empresas cooperativas em escala mais ou menos nacional. As empresas capitalistas por ações tanto quanto as fábricas cooperativas devem ser consideradas formas de transição do modo de produção capitalista ao modo associado, só que, num caso, a antítese é abolida negativamente e, no outro, positivamente (MARX, 1986, p. 334-5).

A Economia da solidariedade constitui-se em uma forma de contribuição para o avanço de novas formas econômicas de produzir, desenvolver e planejar. Ela traz uma visão moderna, organizada e eficiente de economia, o que faz com que modelos de cooperação tradicionais se tornem menos atraentes. Vem com um espectro de novidades, com muitas tipologias organizativas seja no setor produtivo, na vida social ou de cooperação na economia.

Com a finalidade de diminuir a desigualdade social, a Economia Popular Solidária apresenta-se colaborativa, dirigindo um novo tipo de organização mais democrática, desmistificando a figura de um único poder de referência na gestão, atribuindo esse poder a todos os membros, visando um meio de disseminação da socialização da produção mais igualitária, adotando, dessa forma, o "empreendimento econômico solidário" (EES). Esse empreendimento visa a autogestão, onde todos possuem o mesmo direito de opinar e decidir sobre a empresa.

Os bancos de dados sobre os EES resultam no mapeamento do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES) realizado pela primeira vez em 2005 e pela segunda em 2012. Dessa forma, o SIES busca dar características à Economia Solidária, facilitando a rede de pesquisa, gerando apoio, dando maior evidência e se tornando um forte aliado da Economia Popular Solidária no Brasil. A tabela 1, mostra alguns dados levantados pelo SIES sobre a motivação para a constituição dos empreendimentos.

Na tabela 1, observa-se como principais motivações para a constituição EES o complemento à renda, a falta de empregos e a consequente busca por estabilidade financeira e, certamente, a precarização imposta pelo mercado de trabalho. A precarização está diretamente ligada à falta de qualificação profissional, entretanto, sabe-se que uma das principais características do mercado de trabalho é a constante mudança nas formas de exigências em relação ao trabalho, bem como sua produtividade, não raro, exigências das mudanças tecnológicas.

Tabela 1. Principais motivações para a constituição do grupos de EES

Motivações	**N**	**%**
Fonte complementar de renda	9.624	48,8
Alternativa ao desemprego	9.106	46,2
Maiores ganhos em empreendimento associativo	8.471	43,1
Atividade na qual todos são donos	8.024	40,7
Desenvolvimento comunitário	5.646	28,6
Condição para ter acesso a financiamentos e apoios	4.130	21,2
Motivação social, filantrópica ou religiosa	3.801	19,3
Alternativa organizativa e de qualificação	3.160	16,1
Incentivo de política pública	3.113	15,8
Atuação profissional em atividade específica	2.828	14,3
Fortalecimento grupo étnico	1.912	9,7
Produção/comercialização de produtos orgânicos	1.607	8,2
Organização de beneficiários de políticas públicas	1.510	7,7
Recuperação de empresa privada	601	3,1
Outro	1.890	9,6

Fonte: Banco de dados do Sies (GAIGER, 2014 apud Silva e Carneiro, 2016, p. 54).

A análise do contexto nos mostra um problema que está para além da falta de qualificação do trabalho: é um processo em marcha e que afeta e tem afetado inclusive trabalhadores qualificados. Não se quer, com isso, negar que a requalificação enquanto exigência de adaptação às mudanças não seja importante, mas é sabido que seu potencial para resolver os problemas decorrentes do desemprego estrutural é limitado. Por outro lado, as novas formas de intensificação da precarização do trabalho também têm atingido os trabalhadores mais qualificados em virtude do paradigma da produtividade, flexibilidade, trabalho para atingir metas etc. (ANTUNES, 2009). Por esses e outros diversos motivos retratados na tabela acima, as pessoas caem na informalidade e fazem dela um universo de outras formas de exercer sua força de trabalho, por vezes um ambiente de processo educativo de trabalho, conforme Tiriba (2008), uma forma de se manter. Daí muitas vezes surgem as iniciativas solidárias como atributo

dessa instabilidade financeira. Os parágrafos seguintes mostram como as características da indústria têxtil articuladas pela Rede Justa Trama articulam-se com a *outra economia* que acontece, a Economia Popular e Solidária.

A indústria têxtil no mundo possui grande valor socioeconômico e o Brasil tem uma relação antiga com o setor. A indústria têxtil brasileira tem quase 200 anos de história, é o que apontam os dados da Febratex Group, empresa brasileira especializada na organização de feira de negócios do setor têxtil. No Estado da Bahia, encontra-se uma das fábricas de têxteis mais antigas do Brasil, a Companhia Valença Industrial, surgida em 1844 na cidade de Valença. A companhia foi considerada em 1852 a maior fábrica de tecidos do Império, sendo responsável por uma parte da produção têxtil brasileira.

Quando se iniciou o processo de colonização do Brasil pelos Europeus, havia a preocupação com a produção de vestimentas. Ainda que artesanais, passaram a ser baseadas nas formas de se vestir da cultura europeia. Com o passar do tempo, os teares manuais foram substituídos por máquinas com a chegada da Revolução Industrial, e também as inovações tecnológicas que ajudaram a aprimorar os maquinários e equipamentos utilizados nas produções em larga escala. Com os processos produtivos da indústria têxtil cada vez mais avançados, surgiu a indústria da moda, que fomenta a produção e evolução do setor têxtil.

Assim como outros setores industriais, o setor têxtil também visa a acumulação de capital fruto do sistema capitalista de produção e também traz consequências ao meio ambiente, que sofre em virtude da escolha de obtenção de lucro em detrimento da opção por uma produção ambientalmente responsável. Como mostra uma pesquisa feita pela GOTEX em 2016 (Feira Internacional de produtos Têxteis), sendo Brasil é responsável pela 5ª maior produção mundial de têxteis.

A indústria têxtil brasileira é um setor de grande importância econômica na atualidade, como se observa na figura acima, ocupando posição de destaque mundial, seja na produção têxtil propriamente dita que trata da produção de tecidos diversos com o 5º lugar, seja na produção de vestuário com o 4º lugar, onde agrega-se maior valor com produções específicas, especializadas. Entretanto, nem sempre foi assim. Na década de 90, por exemplo, a indústria têxtil brasileira encarou uma enorme crise que fez com que várias empresas do setor têxtil fossem fechadas. É nesse contexto de busca por transformações e potencialização da atividade têxtil entre outras iniciativas que surge a Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (Unisol Brasil) como organizadora e articuladora da produção têxtil por vias das cooperativas e de outros diversos eventos solidários.

A Rede Justa Trama carrega uma grande responsabilidade por estar inserida na indústria têxtil, visto que lida com um tipo de comércio, ou mesmo um ambiente bastante competitivo e de grande poderio econômico no Brasil. Por ser uma indústria de grande competitividade cuja maior parte das atividades estão inseridas no modelo de produção capitalista, a alternativa que restou à Rede Justa Trama

foi articular em um ambiente de outra lógica econômica. Nesse sentido, perpassou ou perpassa por um modelo de produção que alcance determinado grupo de pessoas que se identifiquem com a forma que a cooperativa, em geral, dinamiza suas atividades socioeconômicas.

As atividades estão baseadas em princípios ecológicos e de responsabilidade ambiental e preocupados com um comércio justo, bem como uma relação solidária e de confiança entre as pessoas. Essas características formam a base de princípios e valores de uma outra economia, a Economia Popular e Solidária, cujas articulações negam os mercados convencionais em prol da formação de redes e outras dinâmicas do gênero na medida em que detem-se à produção associada a partir das tipologias organizativas autogestionárias e desenvolvedoras de processos educativos de trabalho, especialmente cooperados por grupos populares solidários e por associações, conforme aponta LIMA (2016).

A Rede Justa Trama é pioneira quando se trata de produção solidária, produz o algodão agroecológico, matéria-prima de sua produção, através da agricultura familiar e é responsável por todos os processos que englobam o ramo têxtil, desde a produção do algodão à venda das peças confeccionadas e entregues ao consumidor final. Diante disso, configura-se para além de uma indústria têxtil como por vezes escuta-se em relação à Rede.

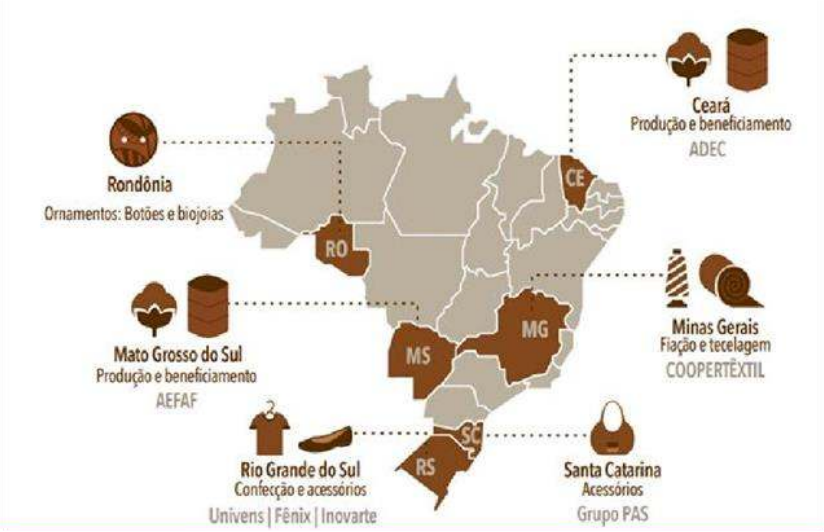
Como indústria do setor têxtil ligada ao campo da Economia Solidária, a Justa Trama traz comodidade para os empreendimentos solidários que participam da rede, pois assim eles podem ter acesso a novas transações comerciais e superar o gargalo da comercialização, dado que trabalham com a produção de orgânicos e o trabalho em cadeia. A tarefa não tem sido fácil, mas a perspectiva é a estabilidade financeira em seus estabelecimentos, já que não são apenas responsáveis pelo seu elo (marca), o que não é pouco, pois são obrigados a ter comprometimento ético e justo com a produção e com seus compradores. Assim, a produção é mantida na mesma escala, para que não haja imprevistos relacionados ao mercado comercial ou à distribuição.

Consubstanciando-se em diversas fases e lugares de todo o Brasil, cada região é responsável por um setor de produção, o que acaba por proporcionar um produto final completo e cheio de identidade, com início no Nordeste e Centro Oeste, a partir da plantação e colheita do algodão. A fiação e a tecelagem ficam a cargo de Minas Gerais; no Rio Grande do Sul acontece a confecção das peças que seguem para Rondônia para que o processo seja finalizado com adereços e peças de ornamentação feitas com produtos naturais e sustentáveis como sementes retiradas da Floresta Amazônica.

Como mostram as figuras 1 e 2, a Rede é composta por várias associações de cooperados e elos de empreendimentos responsáveis por todo processo do valor do algodão, iniciando-se com o elo voltado para a produção no qual as famílias são responsáveis por plantações de algodão totalmente de base ecológica e sem uso de agrotóxicos. No segundo elo, os próprios trabalhadores, de maneira coletiva, tecem os fios e produzem tecidos com algodão fornecidos pelas associações do primeiro elo.

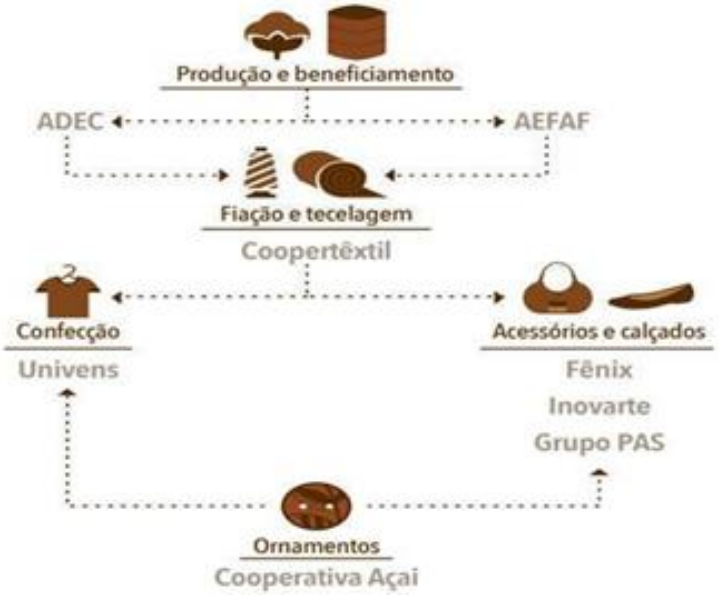
Na sequência, temos o elo formado por mulheres responsáveis por cortar, costurar e produzir diversos modelos de roupas, calçados e mochilas, produzindo também brinquedos educativos. Por fim, o elo de ornamentos, responsáveis por produzir acessórios para roupas, colares e botões com sementes naturais da Amazônia. Todos esses processos são feitos de forma consciente, gerando benefícios de formas igualitárias entre os elos.

Figura 1. Os empreendimentos da Rede Justa Trama espalhados pelas regiões do Brasil



Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO. **Tramando e Transformando:** Justa Trama, a Cadeia Solidária do Algodão Agroecológico, 2017.

Figura 2. Os elos de empreendimentos responsáveis pelo processo de valor do algodão



Fonte: Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO. **Tramando e Transformando:** Justa Trama, a Cadeia Solidária do Algodão Agroecológico, 2017.

Quanto à sustentabilidade, a Rede Justa Trama, além de buscar a preservação ao meio ambiente,

busca a valorização do trabalho humano e das comunidades, abrindo caminho para um comércio mais justo fazendo com que todos participem e se beneficiem no ato de adotar e propagar um consumo mais consciente.

Corroborando com os elos do processo empreendido na Rede Justa Trama, existem quatro princípios que conduzem a Economia Solidária. São eles: autogestão, cooperação, ação econômica e solidariedade (SENAES, 2015). A dinâmica e prática desses princípios se dão de forma muito bem articulada. Com base neles, a Justa Trama trouxe oportunidade para diversos empreendimentos solidários que vêm se aliando a ela com a oportunidade de resolver gargalos em suas produções.

Trabalhadores estão sendo donos dos seus próprios negócios, estimulando o desenvolvimento local/comunitário, bem como trazendo processos didático-pedagógicos e político-educativos, consubstanciando-se em autonomia, protagonismo e oportunidades de aprendizagem para quem não tem "qualificação" e busca um saber relevante de uma forma em que não exige tanta burocracia, nem formalidades excessivas, mas, sim comprometimento e vontade de trabalhar e aprender.

> A economia solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Enquanto na economia convencional existe a separação entre os donos do negócio e os empregados, na economia solidária os próprios trabalhadores também são os donos. São eles que tomam as decisões de como "tocar" o negócio, dividir o trabalho e repartir os resultados" (MTE, 2015.).

Trabalhar em coletividade, mantendo os princípios e práticas da economia solidária, contribuiu para que todos os elos de empreendimentos da cadeia de valores da Justa Trama obtivessem estabilidade comercial, pois eles também eram sujeitos a oscilações de preços dentro da economia e agora trabalhando junto em rede de solidariedade, obtiveram também uma determinada "rede de proteção" sobre sua economia, não tendo que lidar com problemas advindos dos desequilíbrios ou competições injustas do mercado de comercialização. Ou se tiver que lidar com as intempéries do mercado estão, relativamente, articulados em produção associada de uma outra economia.

Com efeito, está segurado do escoamento do algodão trouxe também a vantagem de assegurar os custos com proteção ambiental no sistema agroecológico para os agricultores, como é um fator de grande importância para eles tanto quanto para a Justa Trama de maneira integrada, pois assim, mantém-se a sustentabilidade nesse processo de produção do algodão, já que a grande maioria das indústrias têxteis que produzem de forma convencional, degradam o meio ambiente, sonegam informações, praticam preços injustificáveis, bem como não se preocupam com o desenvolvimento individual, coletivo ou comunitário.

Considerações finais

A proposta desta pesquisa foi analisar como se dá a relação entre a Economia Popular e Solidária, enquanto *outra economia*, e a Indústria Têxtil a partir do estudo da Rede Justa Trama. Nessa perspectiva, deve-se considerar a transformação causada pela junção desses dois elementos formando uma relação socioeconômica com sensibilidade, associação de pessoas e alto grau de racionalidade ou consciência solidária.

O legue de referência da sustentação teórica usado nesta pesquisa não é amplo em vista de que a compreensão sobre a Rede Justa Trama foi obtida de material disponível em seu próprio site, bem como a parte das referências metodológicas e conceituais foram as trabalhadas na disciplina que propôs e resultou no seminário a partir de escolhas temáticas advindas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local (GEPOSDEL). Entretanto, consideramos suficiente para as inferências possíveis dentro do recorte temporal e temático a que se propôs. Avaliamos que não daríamos conta de material além do que dispusemos, portanto, assumimos as nossas limitações, mas, ao mesmo tempo, consideramos os resultados de relevante contribuição para outras pesquisas ou para a continuidade de estudos dessa natureza.

As discussões e reflexões nos sugerem que o modo de organização da produção baseado nos princípios da Economia Popular e Solidária altera estruturas e modifica pensamentos, ainda mais quando tratamos de diversos processos degradantes a que o meio ambiente e as relações de trabalho entre outras dimensões da vida estão submetidas.

Com efeito, exposto o processo de produção da indústria têxtil baseada nos modelos econômicos capitalistas em comparação com a forma consciente e responsável com que organiza a produção, sob a égide da Economia Popular e Solidária consubstanciada na Rede Justa Trama, infere-se que é possível produzir sem superexploração do trabalhador, nem degradação da vida e do meio ambiente. Portanto, verificou-se que existe de fato uma relação entre os preceitos da Economia Popular e Solidária e as práticas da Rede Justa Trama, podendo indicar que essas práticas e estrutura tipológica organizativa da Rede demonstram como deve funcionar uma outra economia que preze pela inserção social com possibilidade de oportunidade de aprendizagem de conhecimentos e saberes entrelaçados, geração de trabalho e renda, protagonismo e empoderamento das pessoas, um modelo que julgamos mais justo e igualitário para todos que, em tese, seriam excluídos do mercado de trabalho, em detrimento de um modelo competitivo, concentrador e individualizante.

Em que pese as nossas limitações em relação ao tema, se existem pesquisas sobre a referida Rede cuja abordagem expõe os delineamentos da Economia Popular e Solidária, ao nosso ver, não dão conta da relevância contextual que a Justa Trama protagoniza. Diante disso, o objetivo que propusemos sobre essa articulação temática em relação ao caso da pesquisa nos deixa motivados sobre os resultados aqui expostos. Os melhoramentos capitaneados ao longo da pesquisa e do processo de publicação consideram

os pareceres dos avaliadores como elementos de notória relevância para o resultado final que alcançamos.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO – ABIT. **Perfil do Setor**. Disponível em: https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor. Acesso em: 23 jan. 2020.

CARNEIRO, Leandro Marcondes; SILVA, Sandro Pereira. **Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil:** nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos. Brasília: IPEA, 2016. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7410/1/RP_Os%20Novos%20dados%20do%20mapeamento%20de%20economia%20solid%c3%a1ria%20no%20Brasil_2016.pdf. Acesso em 23 jan. 2020.

GOTEX SHOW 2016: **resultados da feira**. Disponível em: https://gotexshow.com.br/noticias/gotex-show-2016-resultados-da-feira Acesso em: 25 jan. 2020.

JUSTA TRAMA – Cadeia Ecológica do Algodão Solidário. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (4:54 min). Publicado pelo canal Fazer Solidário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6Eg86rJz9oQ Acesso em 20 jan. 2020.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **As Raízes Históricas da Economia Solidária e seu Aparecimento no Brasil.** Disponível em: http://base.socioeco.org/docs/raizes_histor.pdf Acesso em 19 de Jan. de 2020.

LIMA, José Raimundo de Oliveira; PITA, Flavia Almeida. **A Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS e a Organização de uma Metodologia de Incubação Coletiva e Autogestionária**. Feira de Santana: Shekinah, 2016.

LIMA, José Raimundo Oliveira. **Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local: Uma relação estratégica.** Salvador: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

LIMA, José Raimundo Oliveira. Economia Popular e Solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela organicidade das iniciativas. **Outra economia,** São Leopoldo, v.10, n. 18, p. 3-17, jan./jun. 2016. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2016.1018.01. Acesso em 19 jan. 2020.

LIMA, José Raimundo Oliveira; RIOS, Dara Missão da Silva. O desenvolvimento local endógeno: reflexões a partir das tecnologias com foco na tecnologia social. **Ambivalências**, São Cristóvão, v. 7, n. 14, p.125-142, jul./ dez. 2019. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/12328. Acesso em: 17 ago. 2020.

LIMA, José Raimundo de Oliveira**. A Economia Popular e Solidária com a estratégia para o desenvolvimento local solidário.** 2014. Tese. (Doutorado em Educação e Contemporaneidade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MARX, Karl. (1867**). O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

METELLO, Daniela Gomes. G. **Os benefícios da associação em cadeias produtivas solidárias:** o caso da Justa Trama – cadeia solidária do algodão agroecológico. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Economia Solidária: O que é?** Disponível em: http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria/o-que-e. Acesso em 19 jan. 2020.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA – FAO. **Tramando e transformando:** Justa Trama, a cadeia solidária do algodão agroecológico. Brasília: 2017. Disponível em: http://www.iba-br.com/uploads/biblioteca/137_pt_br.pdf. Acesso em 24 jan. 2020.

O POTENCIAL da indústria têxtil no Brasil e como investir**.** Disponível em **:** <https://fcem.com.br/noticias/o-potencial-da-industria-textil-no-brasil-e-como-investir/>. Acesso em 24 de Jan. de 2020.

SANT'ANNA, Patrícia. BERTO, Vivian. **O desafio da sustentabilidade na indústria têxtil.** Disponível em: https://www.fiesp.com.br/tag/cadeia-textil/. Acesso em 05 de março de 2020.

SILVA, S.P.; CARNEIRO, L.M. Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil: Nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos. **Ipea- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada,** p.23, Brasília 2016. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7410/1/RP_Os%20Novos%20dados%20do%20mapeamento%20de%20economia%20solid%C3%A1ria%20no%20Brasil_2016.pdf. Acesso em: 19 de janeiro de 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Rio de Janeiro: Cortez, 2011.

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. **Perspectiva,** Florianópolis, v. 26, n. 1, 9-10, jan./jun. 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10288/9587. Acesso em: 19 jan. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL. **Como surgiu a economia solidária?** Disponível em: http://portaldeextensao.wikidot.com/como-surgiu-a-economia-solidaria. Acesso em 19 jan. 2020.

VALENÇA SINCE 1844. Disponível em: http://valenca.com.br/nossa-historia/. Acesso em 04 de março de 2020.

Informações do Artigo	**Article Information**
Recebido em: 21/03/2021 - Aceito em: 27/05/2021 - Publicado em: 30/06/2021	Received on: 21/03/2021 - Accepted in: 27/05/2021 - Published on: 30/06/2021
Conflitos de Interesse: Os autores declaram não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.	**Conflict of Interest:** No reported.
Como citar este artigo SANTOS, E. S. *et. al.*, (2021). Economia popular e solidária e indústria têxtil: um estudo com base na Rede Justa Trama. **Revista Macambira**, 5(1), e051006. https://doi.org/10.35642/rm.v5i1.561.	**How to cite this article** SANTOS, E. S. *et. al.*, (2021). Popular and solidarity economy and textile industry: a study based on the Rede Justa Trama. **Revista Macambira**, 5(1), e051006. https://doi.org/10.35642/rm.v5i1.561.
Licença:	**License:**
Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.